

## Educomunicação e Sustentabilidade: uma inter-relação necessária e urgente

### Educommunication and Sustainability: a necessary and urgent interrelation

MARTINI, Rafael Gue.

**Resumo:** A pandemia de Covid-19 se configura como um sintoma da Sindemia Global de obesidade, desnutrição e mudanças climáticas. Para evitarmos novas situações de emergência sanitária como a que iniciou em 2020, e alcançar a sustentabilidade preconizada pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), teremos que promover ações que atuem simultaneamente nos três aspectos da sindemia. Essas ações passam pela necessidade de mudança de paradigmas, especialmente no que diz respeito a forma como lidamos com as práticas de educação e comunicação nos diversos espaços sociais. A partir de uma revisão sobre a epistemologia da educomunicação, refletimos sobre como esse novo paradigma pode ser capaz de nos oferecer visões integradas para atuação na promoção da sustentabilidade. O fortalecimento de ecossistemas educacionais focados na sustentabilidade, pode fazer frente a desinformação e a fabricação do consenso pela propaganda e demais mídias comerciais. Nesse cenário de necessidade de mudança, o espaço institucional educativo escolar tem papel fundamental, enquanto centro de mobilização para a ação, desde o local até o universal, na dinâmica uniglobal. Mas, para que a escola retome esse papel central na sociedade, como criadora e não mera reprodutora da realidade, o professor precisa desenvolver o perfil de educador e colaborar com a criação de uma nova cultura de sustentabilidade junto às crianças e jovens de nossas comunidades.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Sustentabilidade. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Epistemologias do Sul. Práticas pedagógicas educacionais.

**Abstract:** The Covid-19 pandemic can be understood as a symptom of the Global Syndemia which includes obesity, malnutrition and climate change. In order to avoid new health emergency situations like the one that started in 2020, and to achieve the sustainability advocated by the Sustainable Development Goals (SDG), we need to promote actions simultaneously encompassing all three syndemic aspects. Such actions entail the need of paradigmatic changes, especially concerning how we deal with educational and communicational practices in different social spaces. Based on a review of the epistemology of educommunication, we reflect on how such alternative paradigm offer a more integrated vision of sustainability. The strengthening of educative ecosystems focused on sustainability can face misinformation and the construction of consensus by advertisement and other commercial media approaches. In face of the need for transforming this scenario, the educative institutional space present in schools plays a fundamental role as a center for mobilization of local towards universal action - an uniglobal dynamic. However, in order for schools to reclaim their central role in society, as creator and not mere reproducer of realities, the teacher needs to develop the profile of an edu-communicator and thus collaborate with a new sustainability culture among children and young people in our communities.

**Keywords:** Educommunication. Sustainability. Sustainable Development Goals. Southern Epistemologies. Educative pedagogical practices.

## **1 Introdução**

Este artigo apresenta uma revisão teórica sobre a epistemologia da Educomunicação bem como alguns resultados relacionados às Práticas Pedagógicas Educomunicativas (PPE), frutos da tese de Martini (2019, 2020). Soma-se a esta revisão teórica uma busca narrativa recente, que considerou a aplicação desses resultados para uma leitura de mundo de nossa realidade atual de emergência sanitária, provocada pela doença Covid-19. Nosso objetivo é enxergar as possíveis relações entre a educomunicação, enquanto perspectiva paradigmática, e a sustentabilidade, enquanto ideal utópico possível. Para falar dessas relações é necessário explicar um pouco sobre cada um destes temas.

### **1.1 O campo fértil da educomunicação**

A educomunicação é um campo de estudos que se desenvolve, sob diferentes denominações, desde o surgimento da comunicação de massa. Foi motivada inicialmente pela preocupação com a influência negativa do cinema sobre as pessoas, em especial sobre os estudantes, no início do século XX. Por isso, a partir da massificação da comunicação e a diversificação das mídias, foram implementados em vários países programas de leitura crítica dos meios, com o objetivo de capacitar o público para entender os artifícios que as diferentes produções midiáticas usam para influenciar seus expectadores (SOARES, 2013). Desde os programas pioneiros de leitura crítica surgiram outras preocupações mais complexas e passamos por várias nomenclaturas até chegarmos ao conceito da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), adotado pela UNESCO a partir de 2011 (LAU; SAYAD, 2020), com o objetivo de abrigar todas as denominações regionais sobre o mesmo tema. A educomunicação é uma vertente regional da AMI na Ibero-América, considerada como um novo paradigma científico, principalmente pelos pesquisadores brasileiros.

Esse novo paradigma surgiu a partir de uma pesquisa realizada no final do século XX pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), envolvendo pesquisadores e profissionais de Comunicação Educativa e de Educação para os Meios de Comunicação de diversos países ibero-americanos. O resultado foi uma proposta de ressignificação do termo educomunicação, usado originalmente pelo comunicador popular Mario Kaplún para nomear suas ações de ‘educação para a comunicação’ ou ‘leitura crítica dos

meios' (SOARES, 1999, 2006). Em seu novo significado, Educomunicação passou a designar “a radical transversalidade da comunicação nos processos educativos” (SOARES, 2006, p. 176). A partir desse marco histórico, que inaugura as discussões sobre essa nova perspectiva regional, o novo campo se consolidou e está hoje presente em pesquisas nas mais diversas áreas, comprovando seu caráter transdisciplinar.

Um dos conceitos-chave da educomunicação é a *edição de mundo* (BACCEGA, 1999), que ilustra como os sujeitos *editam seu mundo* a partir de suas referências, que são, com frequência, *edições de mundo* apresentadas por outros – imprensa, mídias, redes sociais, familiares, amigos, professores. O desafio seria desenvolver a atitude crítica necessária para passar de um mundo editado por outros à nossa própria *edição de mundo*, cuja soma de perspectivas resultaria na construção de nosso mundo comum. Esse conceito se aproxima da comparação que Greenwood & Levin (2006) fazem do cientista como um editor de audiovisual, um *bricoleur*<sup>1</sup>, que seleciona autores e conceitos para editar seu mundo científico. O presente artigo é exemplo de uma *edição de mundo* alicerçada em determinado campo científico contemporâneo.

O termo educomunicação forma um acrônimo-síntese que expressa a essência desse novo paradigma: educo com comunicação-ação. Nessa perspectiva, o mais importante no processo de educação é estabelecer uma correta modulação para alcançar uma comunicação dialógica, por meio da qual os interlocutores desenvolvem suas aprendizagens uns com os outros mediados pelo mundo. O propósito é a emancipação dos sujeitos envolvidos nas práticas pedagógicas educacionais (PPE), tanto no sentido de uma evolução interior subjetiva, quanto nos resultados objetivos exteriores das suas ações, orientadas eticamente para a construção de um mundo mais justo e solidário. Esse processo de aprendizagem ‘na’ construção coletiva do mundo ocorre nos ecossistemas educacionais (MARTINI, 2019).

O ecossistema educacional está relacionado aos diversos espaços onde as práticas de educação e comunicação ocorrem de forma contígua - espaços institucionais educacionais, sociocomunitários e midiático-tecnológicos (HUERGO, 2010). As PPE são instituídas nestes espaços de ação, negociadas pelo diálogo entre os sujeitos que compõe diferentes comunidades de prática, e implementadas a partir da ecologia de saberes locais, globais e universais

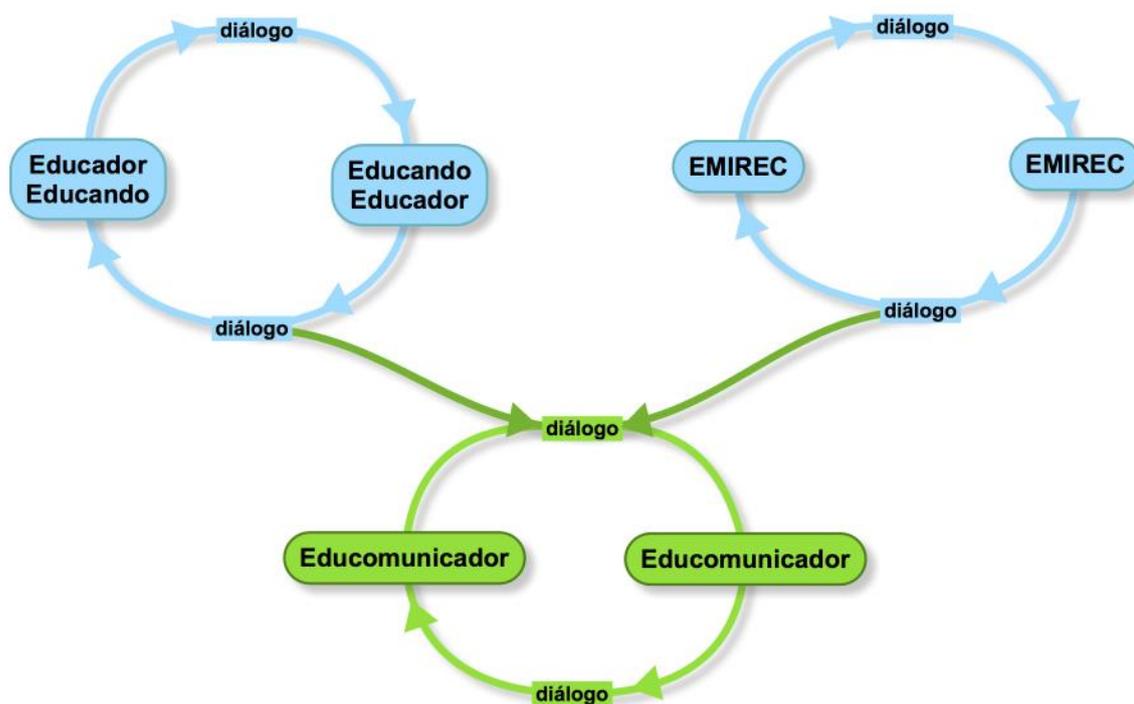
---

<sup>1</sup> Aquele que faz bricolagem.

(dinâmica *uniglocal*). “Quando a concepção de aprendizagem e a de comunicação se dão pela ideia da dialogicidade e da ação em rede, temos um ecossistema educomunicativo” (SARTORI, 2021, p. 74). Nos diversos ecossistemas, a pedagogia da educomunicação segue a perspectiva de Freire (1996), pois não é dada, mas surge do diálogo – é instituinte no campo de ação.

Freire (1975, 1983) também faz o elo entre as teorias da educação e da comunicação como diálogo. Ao propor o processo circular de interação cognoscitiva e dialógica entre o educador/educando e o educando/educador, ele fortalece a interlocução na promoção da aprendizagem. Por outro lado, Kaplún (1998) se apropria do conceito de Emissor/Receptor (EMIREC), evidenciado por Cloutier (1975), e estabelece o mesmo ciclo de interlocução como horizonte utópico da comunicação comunitária, reforçando o caráter educativo de toda a comunicação. O educador é, portanto, um comunicador, assim como o comunicador é, por consequência, um educador. Desta forma, o perfil desses dois profissionais é amalgamado no educomunicador.

Figura 1 - Síntese dialógica do educomunicador



Fonte: Martini, 2019.

Recentemente a educomunicação foi considerada uma epistemologia do Sul (ROSA, 2020; SANTOS, 2018), capaz de promover a tradução intercultural por meio da produção coletiva de arte e conhecimento, expressos nas diversas linguagens áudio-scripto-visuais (CLOUTIER, 2001). Essa perspectiva de múltiplas linguagens contempla a diferenciação pedagógica inclusiva, que considera as diferentes características socioemocionais e cognitivas dos sujeitos, sempre imersos em determinada cultura sociotécnica.

## **1.2 É suficiente. Ou basta!**

A sociedade atual alcançou um determinado desenvolvimento sociotécnico, mas isso se mantém às custas da superexploração do planeta, problema que chamou a atenção para a necessidade da sustentabilidade. A preocupação com a sustentabilidade surge com o início da industrialização, no final do século XVIII, quando se percebeu que o crescimento populacional poderia ser maior que a capacidade de geração de recursos para a subsistência humana. De lá para cá, as guerras e as catástrofes ambientais se intensificaram e chamaram a atenção para a necessidade do que ficou definido, em 1987, como Desenvolvimento Sustentável (DS), que é o desenvolvimento que atende às necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades (DIAS, 2015).

No âmbito mundial, essa perspectiva evoluiu para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos por representantes dos 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU), que se comprometeram em alcançar um conjunto de metas até o ano de 2030. Por isso, os ODS são também conhecidos como a Agenda 2030, uma utopia mundial do ponto de vista institucional dos países (MOVIMENTO NACIONAL ODS SC, 2020). As metas são adaptadas aos indicadores existentes em cada país, o que foi feito no Brasil, onde temos, associadas a cada um dos 17 ODS, 179 metas para atingir até 2030 (IPEA, 2020). No entanto, não há um compromisso efetivo do governo brasileiro, que tem regredido na maioria das suas metas nos últimos anos devido à “desgovernança dos ODS no Brasil” (GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030, 2020, p. 6).

Figura 2 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)



Fonte: ONU Brasil, 2020<sup>2</sup>

Nesse clima nacional de falta de vontade política em pautar a sustentabilidade, surgiu a pandemia e se observou uma regressão na grande maioria dos indicadores de cada um dos 17 objetivos (Ibid.). Esse dado é extremamente relevante, pois a transversalidade dos objetivos indica que todas as áreas, incluindo a educação, vão sofrer com esse retrocesso. Um momento que se torna ainda mais necessário agir em torno do ODS 17 – Parcerias e meios de implementação, promovendo interações ecossistêmicas capazes de mitigar os prejuízos. A consultoria Clima em Curso elaborou um infográfico elencando os impactos da Covid-19 sobre cada um dos ODS (figura 2), a partir de levantamento realizado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (UNDESA – sigla em inglês). Sobre o ODS 4 – Educação de qualidade, é listado como impacto a escola fechada para muitos, aprendizado remoto e menos eficaz para alguns. A partir dessa síntese geral, podemos intuir diversos desdobramentos e enxergar as relações com os demais impactos relatados, como o possível atraso ou mesmo intensificação das desigualdades socioambientais.

Figura 2 – Impacto da Covid-19 sobre os ODS

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://trello.com/b/klJmCvp5/onu-brasil>>. Acesso em março de 2021.  
REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Qualidade e Inovação da/na Educação: concepções, possibilidades e desafios.



Fonte: UNDESA

Fonte: Clima em Curso, 2020<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.climaemcurso.com.br/blog/2020/04/22/como-a-pandemia-de-covid-19-afeta-os-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>. Acesso em jun. 2020.

Os ODS nos permitem olhar para categorias específicas de forma integrada, mas há também críticas a estes parâmetros globais, a primeira delas em torno do termo “desenvolvimento”, que estaria alicerçado em padrões insustentáveis inspirados nas sociedades industrializadas. Seria mais correto pensar em “sociedades sustentáveis” do que em “desenvolvimento sustentável”, pois assim cada sociedade poderia definir seus próprios parâmetros de bem-estar, a partir de seu potencial de produção e consumo, sua cultura, seu desenvolvimento histórico e características de seu ambiente natural (THIOLLENT; COLETTE, 2013). Mas essas críticas podem ser incorporadas em revisões locais dos ODS, a partir do ponto de vista dos valores humanos universais – na dinâmica *uniglocal*. A forma como a plataforma é organizada oferece um bom ponto de partida, pois apresenta indicadores concretos para a avaliação de resultados em cada meta.

Uma boa reflexão sobre a sustentabilidade pode ser feita a partir do poema de William Blake (1993): “É suficiente. Ou basta!”. Se nos contentássemos com o suficiente para viver, enquanto sociedade, com certeza bastaria a todos e todas no planeta, incluindo aí todas as formas de vida além da humana. Os ODS partem do princípio que há recursos suficientes para a sustentabilidade planetária, mas eles são distribuídos de forma extremamente desigual – tanto recursos materiais quanto cognitivos. *Por isso a necessidade da justiça socioambiental e cognitiva, com as quais nos alinhamos para prosseguir com nosso corazonar*<sup>4</sup> sobre a educomunicação e os ODS, duas perspectivas globais que englobam o cognitivo, o dialógico e o sustentável.

## 2 Relações possíveis

A primeira relação entre educomunicação e os ODS é de dependência: sem a primeira não alcançaremos as metas do segundo. A UNESCO já constatou que sem a educomunicação<sup>5</sup> não há como alcançar a sustentabilidade. Há, inclusive, uma tendência dela ser considerada um novo e fundamental direito da humanidade (PÉREZ TORNERO, 2015). Mas, apesar dos esforços mundiais da agência da ONU em promover a educomunicação nas últimas décadas,

---

<sup>4</sup> Termo criado por Boaventura de Sousa Santos (2018) para reforçar a inclusão da emoção (relacionada ao coração) no exercício da razão (relacionada ao cérebro).

<sup>5</sup> Consideramos a educomunicação como a equivalente regional da AMI.

os resultados não foram muito significativos. A prova disso é a realidade da desinfodemia, que pode ser entendida como uma pandemia de desinformação (POSETTI; BONTCHEVA, 2020).

A desinformação, conhecida popularmente como *fake news*<sup>6</sup>, não é uma novidade. Ela existe desde antes da imprensa, como comprova a profusão de boatos durante a epidemia de Peste Negra, na Europa do século 14 ao 17, e também durante a gripe espanhola no Brasil, em 1918 (ALBUQUERQUE, 2020). Além disso, em relação ao uso de estratégias comunicacionais, toda a propaganda pode ser considerada desinformação. Uma campanha publicitária pode ser comparada com um plano de ensino de caráter behaviorista, que usa os melhores recursos midiáticos e equipes multiprofissionais para produzir aprendizagens de consumo. Essa comunicação behaviorista, diferente da escola conteudista, mira os desejos de seu público-alvo para alcançar seus objetivos mercadológicos, independente do que diga a ciência, como nos alerta Joan Ferrés (EDUCOM FLORIPA, 2021). Se pensarmos em toda essa comunicação mercadológica, que se mistura cada vez mais com a informação e o entretenimento, nas mãos de grandes corporações (ACHBAR (DIRETOR); SIMPSON (PRODUTOR), 2003; CASTELLS, 2015), podemos dizer que há edições hegemônicas de mundo, que buscam se consolidar globalmente, em detrimento ou oposição ao conhecimento científico e artesanal das culturas locais<sup>7</sup>. Sem falar nas distorções da função social da imprensa pelo interesse econômico, capaz de criar os consensos fabricados, como bem definiu Chosmsky (ACHBAR; WINTONICK, 1992).

A maior *fake news* do Brasil é o mito do seu descobrimento, popularizado pelo filme “O descobrimento do Brasil” (MAURO, 1937). A versão nativa dessa história, segundo o pensador indígena Ailton Krenak (BOLOGNESI, 2019), conta que, durante décadas, chegaram às praias de *Pindorama*<sup>8</sup> barcos cheios de brancos moribundos, sofrendo de escorbuto, que foram acolhidos por um povo hospitaleiro que já tinha sua história, e que se comunicava com diversas nações diferentes do seu continente. Depois de saberem o suficiente sobre os *indígenas* e a sua terra, os ocidentais traíram a confiança deles e os dizimaram para poder saquear a terra livremente. No entanto, a versão histórica que vigora mostra os portugueses como heróis,

---

<sup>6</sup> Desinformação é o termo adotado pela UNESCO, pois a notícia, enquanto categoria do jornalismo, não pode ser falsa, se produzida de acordo com os critérios éticos da profissão.

<sup>7</sup> Podemos citar, por exemplo, as propagandas de álcool, de cigarros, de automóveis, de doces, de comidas que são direcionadas para crianças.

<sup>8</sup> Um dos nomes nativos do Brasil.

conquistadores das terras do Novo Mundo habitado por selvagens. Exemplo de que podem existir várias *edições* para um mesmo fato, dependendo da posição dos narradores ser relativa aos vencedores ou aos vencidos – o que vale para as guerras físicas, simbólicas e imaginárias.

Existem casos emblemáticos da imposição de edições de mundo com orientação essencialmente mercadológica. Um deles é o caso do açúcar, cuja exploração comercial popularizou o uso dessa droga propulsora do colonialismo, hoje presente em uma infinidade de itens da alimentação humana. O livro *Sugar Blues* (DUFTY, 1975) detalha como os interesses comerciais sempre se sobrepuseram à questões de saúde pública em relação ao uso indiscriminado e consumo cada vez maior de açúcar pela sociedade. No centro dessa popularização do consumo de alimentos doces sempre estiveram as campanhas de comunicação. “Um produto como a Coca-Cola, que contém conhecidos venenos e destrói os dentes e o estômago, tem uma das mais estonteantes campanhas publicitárias da história do mundo ocidental” (Paul Hawken, 1975 *apud* DUFTY, 1975, p.113). O mesmo autor complementa: “Não existe nada de verdadeiro quanto à propaganda” (*ibid.*).

No outro extremo temos o exemplo da proibição do uso e cultivo da cannabis<sup>9</sup>, com forte motivação econômica e cultural. A planta foi condenada por sua fibra concorrer com o *nylon* estadunidense e pela sua proibição possibilitar um instrumento de repressão eficiente contra populações latinas e negras, em uma história com comprovada manipulação midiática realizada a partir dos EUA (BURGIERMAN, 2002). Recentemente, com a redescoberta de seus benefícios medicinais e a retirada da planta da lista de narcóticos perigosos (GONÇALVES, 2020), a planta voltou a ganhar força como alternativa econômica sustentável, tendo o seu uso aprovado em diversos países e em vários estados dos EUA. Esses dois casos, assim como muitos outros, podem ser caracterizados como consensos fabricados, na perspectiva de Noam Chomsky (ACHBAR; WINTONICK, 1992). A educomunicação atua justamente na desconstrução dos consensos fabricados, fortalecendo a capacidade dos sujeitos reconhecerem as diversas formas de desinformação.

A desinformação e a propaganda corporativa, que se intensificam após a revolução industrial, com certeza nos ajudaram a chegar na atual situação de Sindemia Global de obesidade, desnutrição e mudanças climáticas (SWINBURN et al., 2019). Segundo o Relatório

---

<sup>9</sup> Conhecida pejorativamente como maconha.

da Comissão The Lancet (COMISSÃO DE OBESIDADE THE LANCET, 2019) a sindemia é o conjunto dessas três pandemias, que representam três problemas de saúde pública que são graves ameaças à sobrevivência humana. Lançado praticamente um ano antes do surgimento da Covid-19, o relatório indica que essa nova pandemia é uma consequência da sindemia. Para combater essa realidade são necessárias ações de trabalho duplo e triplo, que atuem simultaneamente em duas ou todas as pandemias, pois só assim será possível mitigar suas interações e combater as forças que as sustentam. A sindemia representa um entrave para a implementação da Agenda 2030 e alcance da sustentabilidade.

## **2.1 E como a educomunicação pode colaborar com a mitigação dos impactos da sindemia?**

Em primeiro lugar é importante pensarmos que a educomunicação é um paradigma que pode estar na interface entre os campos da educação e da comunicação, como pensado originalmente, mas pode também ser uma espécie de supracampo (ou contracampo<sup>10</sup>) que entende a educação e a comunicação como práticas dialógicas contíguas de um mesmo processo de formação do sujeito e da cultura. Nesse entendimento, podemos pensar na promoção da comunicação na educação, e também da educação na comunicação, como uma transição para a compreensão do pensamento educomunicativo sobre a aprendizagem ao longo da vida. Deixando claro que esse campo fora da interface não englobaria os campos de origem, mas possibilitaria outro ângulo de visão sobre eles.

Essa perspectiva nos ajuda a pensarmos de forma sistêmica em políticas que integrem as práticas de educação e comunicação, para criar sinergia na direção dos ODS. “É preciso superar as limitações do pensamento analítico, que isola cada aspecto ou elemento da realidade, e adotar uma visão sistêmica, que apreende a complexidade do que está sendo considerado como realidade” (THIOLLENT; COLETTE, 2013, p. 14). Enquanto tivermos a educação alicerçada em referências científicas e socioambientais, mas a comunicação orientada majoritariamente pelo mercado, no sentido da fabricação de consensos que não levam o conhecimento científico em consideração, não será possível alcançar a sustentabilidade.

Entre as nove recomendações gerais elencadas pelo relatório da Comissão The Lancet para combater a sindemia destacamos: fortalecer o engajamento da sociedade civil para

---

<sup>10</sup> Sobre essa perspectiva consultar Martini (2020).

encorajar mudanças sistêmicas e pressão por ações políticas em todos os níveis de governo para lidar com a Sindemia Global; reduzir a influência de grandes interesses comerciais no processo de desenvolvimento de políticas públicas para permitir que os governos implementem políticas de interesse público para beneficiar a saúde das gerações atuais e futuras, o meio ambiente e o planeta; criar modelos de negócios sustentáveis e promotores da saúde para o século 21, que mudem o foco de seus resultados apenas no lucro de curto prazo para modelos sustentáveis e lucrativos, que incluem explicitamente benefícios para a sociedade e o meio ambiente; concentrar a pesquisa nos determinantes e ações da Sindemia Global para criar uma base de evidências de impulsionadores e ações sistêmicas, incluindo abordagens indígenas e tradicionais de saúde e bem-estar (SWINBURN et al., 2019, p. 792). Ainda de acordo com o relatório “um movimento social transformador, construído por meio dos níveis local, nacional e global, é necessário para vencer a inércia política” (COMISSÃO DE OBESIDADE THE LANCET, 2019, p. 9). Todas essas recomendações passam, obrigatoriamente, pela mudança cultural, o que exige investimentos em educação e comunicação continuadas no sentido da nova cultura que se quer promover. E não se trata de criar uma cultura homogênea. Igualmente plural, mas saudável, menos desigual e mais solidária.

Outra recomendação importante do relatório é ampliar o financiamento a “pesquisas sobre conhecimentos indígenas e tradicionais para entender os paradigmas, as práticas e os produtos que promovem a saúde ideal do planeta” (COMISSÃO DE OBESIDADE THE LANCET, 2019, p. 14). O documento recomenda que se “estabeleça um ‘Fundo de Sete Gerações’ baseado no conceito iroquês<sup>11</sup> de tomada de decisão para sete gerações, para que o conhecimento indígena e as visões de mundo possam ser pesquisados, reconhecidos internacionalmente e incorporados a políticas que tenham impacto na saúde humana e ambiental” (ibid).

Enquanto epistemologia do Sul a educomunicação pode ajudar na valorização da sabedoria nativa, pois essa perspectiva entende que é justamente nesse conhecimento que pode estar a inovação – na cultura que foi massacrada pela colonização sem ser estudada (SANTOS, 2011). Alguns exemplos dessa ecologia de saberes nativos educacionais são: a noção de que toda a sociedade educa; o entendimento que o mais importante é preparar o indivíduo para

---

<sup>11</sup> Os iroqueses foram um grupo nativo norte-americano que vivia em torno da região dos Grandes Lagos, primariamente no sul de Ontário, uma província do Canadá, e no nordeste dos Estados Unidos.

captar o conhecimento que está na natureza<sup>12</sup>; a perspectiva de que saber a fonte e circunstância da aprendizagem fazem parte da informação e do conhecimento; a convivência tolerante com pontos de vista diferentes (MARGOLIN, 2007); o reconhecimento da incerteza; a pedagogia do lugar (ORR, 2007); a alteridade, como expressa na palavra Txai<sup>13</sup>, usada para se referir ao outro no idioma Hãtxa Kuĩ; o saber atuar em grupo como mais importante que o conhecimento técnico (ARMSTRONG, 2007); ou mesmo o conceito de bem-viver, baseado na cosmovisão essencialmente relacional dos povos tradicionais andinos (SOARES, 2019). Esses são alguns princípios identificados nas diversas culturas nativas que guardam muita semelhança com os “sete saberes necessários à educação do futuro”, propostos por Edgar Morin (2000) e que consideramos também como princípios basilares da própria educomunicação (MARTINI, 2019).

De forma complementar, o foco das práticas pedagógicas educomunicativas (PPE) é nas relações, nas emoções e nos processos, o que resulta no incentivo à conação – o despertar para a ação. Este potencial mobilizador está relacionado com o querer, aspecto reforçado por Joan Ferrés (EDUCOM FLORIPA, 2021). Essa característica conativa tem potencial para movimentar as energias políticas paralisadas (ROSA, 2020) e romper com a inércia que impede o fortalecimento dos movimentos sociais transformadores. O fortalecimento dos movimentos é uma recomendação do relatório The Lancet para combater a Sindemia Global. A perspectiva da educomunicação entende a necessidade de irmos além do pensamento crítico, porque precisamos com urgência despertar a atitude crítica mobilizadora da mudança social (FERRÉS; PISCITELLI, 2012; GARCÍA MATILLA et al., 2018).

A perspectiva de educar com comunicação-ação no fortalecimento de ecossistemas educomunicativos focados na sustentabilidade, pode fazer frente a desinformação e a fabricação do consenso pela propaganda e demais mídias comerciais. Essas mídias operam com mecanismos de omissão ou supervalorização de determinados aspectos da comunicação sobre serviços e produtos, promovendo um tipo de desinformação que tem resultado em inúmeros prejuízos para a sociedade – desde muito antes da atual popularização das *fake news*. Muito além do espaço institucional educacional, a educomunicação nos apresenta um campo de

---

<sup>12</sup> Dentro do entendimento que a sociedade humana é parte da natureza.

<sup>13</sup> Txai significa “mais que amigo, mais que irmão. A metade de mim que existe em você e a metade de você que habita em mim”.

análise vasto para a intervenção na sociedade. Ela pode nos ajudar a encontrarmos caminhos para a construção de sociedades sustentáveis, colaborando na definição de políticas públicas capazes de alinhar o pensamento, o sentimento e as ações sociais coletivas na direção dos ODS.

O educador, caracterizado a partir das práticas populares de educação e comunicação da Ibero-América, é um intelectual de retaguarda (SANTOS, 2018), comprometido em levar o sentido da pesquisa às comunidades, fazendo coincidir o processo de criação e divulgação do conhecimento em um mesmo ciclo. Um agente capaz de promover a pesquisa-ação participativa, com vistas a melhorar a gestão de ecossistemas educacionais que considerem a realidade da Síndrome Global, a utopia dos ODS e o uso do aparato tecnológico que estiver disponível nas comunidades para a promoção do diálogo. Um espaço onde essa transformação pode se desenvolver no Brasil é a partir das escolas, por serem um espaço público de convivência democrática e plural por onde todo sujeito é obrigado a passar. Mas, para que a escola retome esse papel central na sociedade, como criadora e não mera reprodutora da realidade, o professor precisa desenvolver o perfil de educador e colaborar com novas perspectivas de futuro no ecossistema educacional escolar.

### **3 Considerações para o futuro**

Segundo Ismar Soares (VIRAÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO, 2021, 1:31:43), a comunicação, por sua vocação mercadológica e seu vínculo com a liberdade de expressão, se afastou da educação, por esta última ser um direito mais tutelado pelo Estado e sujeito a toda sorte de regras, como forma de garantir um conteúdo mínimo aos estudantes. No entanto, vemos hoje que de nada adianta sermos rígidos com os currículos educacionais se não houver algum tipo de orientação ou regulação também na comunicação, que nos conecta a todo momento ao espaço sociocomunitário e midiático-tecnológico da pedagogia perpétua (HUERGO, 2010). Por outro lado, Castells (2015) provou que os Estados democráticos falharam na regulação da comunicação, que teve sua função social desvirtuada pelo mercado e suas corporações transnacionais.

A tendência da educação se tornar um novo direito humano universal, que pode ser traduzido como o direito que cada um tem de editar seu mundo, passa pela religação entre educação e comunicação nos diversos espaços sociais. A síndrome de obesidade, desnutrição e mudanças climáticas indica a necessidade da diminuição de propaganda sobre alimentos nocivos à saúde e de ações de marketing social, para promover a segurança alimentar

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Qualidade e Inovação da/na Educação: concepções, possibilidades e desafios.

ISSN 1984-6576.

E-202165

(SWINBURN et al., 2019). Essas mudanças só terão efeito se repensarmos as ações de educação e comunicação sob um novo paradigma, que as una sob um mesmo propósito educ comunicativo de construção de uma cultura de sustentabilidade. Nesse cenário de necessidade de mudança, o espaço institucional educativo onde se encontra a escola é fundamental enquanto centro de mobilização para a ação, desde o local até o universal, na dinâmica *uniglocal*.

Considerando a realidade da Sindemia Global como um problema social central a ser resolvido, sob pena de comprometermos a sobrevivência da espécie humana, torna-se prioridade integrar esse tema como questão geradora transdisciplinar no espaço institucional escolar, mas também no espaço sociocomunitário e midiático-tecnológico. As ações e projetos na perspectiva da educomunicação possuem potencial para o incentivo às expressões coletivas, que podem indicar caminhos e possíveis soluções para se atingir de forma mais rápida as metas dos ODS e demais objetivos locais prioritários, que apontem para sociedades sustentáveis no nível local. Pensando na necessidade de que essas ações sejam de trabalho duplo e triplo, para incidirem simultaneamente em duas ou em todas as pandemias, a prioridade deve ser a segurança alimentar local, a promoção do conhecimento sobre alimentação saudável e a mitigação das mudanças climáticas por meio da regeneração do meio ambiente e da cultura da resiliência.

O pensador Edgar Morin, com seus 99 anos, afirma que as palavras do momento são responsabilidade e solidariedade (SESC SP, 2020). Esses são valores nativos, expressos no planejamento das ações pensando em sete gerações futuras e no entendimento que somos parte da natureza e temos que ser solidários com toda a vida. A valorização do afeto, da relação, do fazer com, considerando a necessidade de desenvolvimento da inteligência emocional, são pressupostos da prática educ comunicativa. A educomunicação é a pedagogia da autonomia de Freire (1996) revisitada. É fazer com. Fazer com o coração - corazonar.

Para o sociólogo da comunicação Eduardo Vizer (2012), no campo dos modelos científicos, o estruturalismo representa uma ciência macroscópica e o funcionalismo uma ciência microscópica. Mas, o que nós precisamos na atualidade, segundo o autor, é de uma ciência estetoscópica. A educomunicação é essa nova ciência estetoscópica, que possibilita escutarmos o coração das pessoas e ampliarmos suas vozes para fazer a ecologia de saberes aflorar, em um ambiente de tradução intercultural. O uso da linguagem áudio-scripto-visual,

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Qualidade e Inovação da/na Educação: concepções,  
possibilidades e desafios.

ISSN 1984-6576.

E-202165

alicerçado no respeito às inteligências múltiplas e a inteligência emocional, tem o fim último de promover esse corazonar no processo de produção de conhecimento e cultura. “Mudar o mundo é tão difícil quanto possível” (FREIRE, 2000, p.20).

### Bibliografia

ACHBAR (DIRETOR), M.; SIMPSON (PRODUTOR), B. **The Corporation**. Canada Big Picture Media Corporation, 2003.

ACHBAR, M.; WINTONICK, P. **Consenso Fabricado – Chomsky e a Mídia**. Estados Unidos, 1992. Disponível em: <<https://youtu.be/dDLEJS8cERc>>

ALBUQUERQUE, C. Fake news circularam na imprensa na epidemia de 1918. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, p. 1–3, 2020.

ARMSTRONG, J. C. Educação okanagan para uma vida sustentável: Tão natural quanto aprender a andar ou falar. In: CAPRA, F. (Ed.). **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 109–113.

BACCEGA, M. A. Comunicação & Educação: do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Informação**, v. 2, n. 2, p. 176–187, 1999.

BLAKE, W. **William Blake: Poesia e Prosa Selecionadas**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

BOLOGNESI, L. **Guerras do Brasil.Doc: As Guerras da Conquista**. Brasil: Buriti Filmes, 2019. Disponível em: <[http://www.buritifilmes.com.br/filmes.php?cat=filme&mostra\\_filme=27](http://www.buritifilmes.com.br/filmes.php?cat=filme&mostra_filme=27)>

BURGIERMAN, D. R. **Maconha**. São Paulo: Abril, 2002.

CASTELLS, M. **O Poder Da Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CLOUTIER, J. **A Era de EMEREC ou a Comunicação Áudio-scripto-visual na hora dos self media**. 2. ed. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa, 1975.

CLOUTIER, J. **Petit traite de communication. Emerec à l’heure des Technologies Numériques**. Montréal: Editions Carte Blanche, 2001.

COMISSÃO DE OBESIDADE THE LANCET. A sindemia global da obesidade, desnutrição e mudanças climáticas - Relatório da Comissão The Lancet. **The Lancet**, 2019.

DIAS, R. **Sustentabilidade : origem e fundamentos; educação e governança global; modelo de desenvolvimento**. São Paulo, Brasil: Atlas, 2015.

DUFTY, W. **Sugar Blues**. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Ground Informação, 1975.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Qualidade e Inovação da/na Educação: concepções, possibilidades e desafios.

ISSN 1984-6576.

E-202165

EDUCOM FLORIPA. **Cerimônia de Abertura seguida de Conferência de abertura: A tela multipartida: metáfora da Covid-19.** Disponível em: <<https://youtu.be/qfz1yE9uE8A>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. **Comunicar**, v. XIX, n. 38, p. 75–82, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1975.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA MATILLA, A. et al. **Sessão de Lançamento do Observatório Media, Informação e Literacia (MILobs)**. Palestras promovidas pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho. Braga, Portugal: UMinho, 2018.

GONÇALVES, E. **ONU tira maconha da lista de drogas mais perigosas | Radioagência Nacional.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/internacional/audio/2020-12/onu-tira-maconha-da-lista-de-drogas-mais-perigosas>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GREENWOOD, D. J.; LEVIN, M. Reconstruindo as relações entre as universidades e a sociedade por meio da pesquisa-ação. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 91–113.

GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030. **IV Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável - Brasil**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[www.gtagenda2030.org.br](http://www.gtagenda2030.org.br)>. Acesso em: 22 mar. 2021.

HUERGO, J. A. Una guía de comunicación/educación, por las diagonales de la cultura y la política. In: APARICI, R. (Ed.). **Educomunicación: más allá del 2.0**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010. p. 65–104.

IPEA. **Ipea - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/ods/index.html>>. Acesso em: 26 out. 2020.

KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LAU, J.; SAYAD, A. L. V. MIL Alliance – UNESCO: Su relevancia en competencias mediáticas e informacionales. In: AGUADED, I.; VIZCAÍNO-VERDÚ, A. (Eds.). **Redes sociales y ciudadanía: Hacia un mundo ciber conectado y empoderado**. Huelva, Espanha: Grupo Comunicar Ediciones, 2020. v. 1p. 41–45.

MARGOLIN, M. Pedagogia indígena: Um olhar sobre as técnicas tradicionais de educação dos índios californianos. In: CAPRA, F. (Ed.). **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo, Brasil: Cultrix, 2007. p. 95–108.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Qualidade e Inovação da/na Educação: concepções, possibilidades e desafios.

ISSN 1984-6576.

E-202165

MARTINI, R. G. **Educomunicador como agente de integração das tecnologias de informação e comunicação na escola**. Doutoramento em Ciências da Educação – Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2019.

MARTINI, R. G. Educomunicación: ¿Contracampo o intersección? In: AGUADED, I.; VIZCAÍNO-VERDÚ, A. (Eds.). **Redes sociales y ciudadanía: Hacia un mundo ciber conectado y empoderado**. Madrid, España: Grupo Comunicar Ediciones, 2020. p. 677–685.

MAURO, H. **O descobrimento do Brasil**. Brasil: Distribuidora de Filmes Brasileiros (DFB), 1937.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo; Brasília, DF, Brasil: Cortez; UNESCO, 2000.

MOVIMENTO NACIONAL ODS SC. **Portal do Movimento Nacional ODS Santa Catarina - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://sc.movimentoods.org.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

ORR, D. W. Lugar e pedagogia. In: CAPRA, F. (Ed.). **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 114–124.

PÉREZ TORNERO, J. M. La emergencia de la alfabetización mediática e informacional Un nuevo paradigma para las políticas públicas y la investigación. **Revista TELOS (Cuadernos de Comunicación e Innovación)**, p. 4–7, 2015.

POSETTI, J.; BONTCHEVA, K. **Desinfodemia: Decifrar a desinformação sobre a COVID-19**. Paris, França: UNESCO, 2020. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por)>

ROSA, R. Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, v. 25, n. 2, p. 20–30, 4 dez. 2020.

SANTOS, B. DE S. Epistemologías del Sur. **Utopía y Praxis Latinoamericana. Revista internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social**, n. 54, p. 17–39, 2011.

SANTOS, B. DE S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2018.

SARTORI, A. S. Ecosistema educacional: comunicação e aprendizagem em rede. **Revista Linhas**, v. 22, n. 48, p. 62–79, 28 abr. 2021.

SESC SP. **Ideias - humanismos e solidariedade na sociedade contemporânea: saberes de Edgar Morin**. Disponível em: <<https://youtu.be/RP4lp1RYTXo>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

SOARES, I. DE O. Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**, v. 1, n. 2, p. 19–74, 1999.

SOARES, I. DE O. Educom. Rádio, na trilha de Mário Kaplún. In: MELO, J. M. DE et al. (Eds.). **Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Paulo: Cátedra UNESCO, Universidade Metodista, 2006. p. 167–188.

SOARES, I. DE O. Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: LIMA, J. C. G. R.; MELO, J. M. DE (Eds.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013**. Brasília: Ipea, 2013. p. 169–202.

SOARES, I. DE O. La Educomunicación y el Buen Vivir: Una alianza posible. **Punto de Encuentro**, n. 130, p. 9–15, 2019.

SWINBURN, B. A. et al. The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change: The Lancet Commission report. **The Lancet**, v. 393, n. 10173, p. 791–846, 23 fev. 2019.

THIOLLENT, M. J. M.; COLETTE, M. M. **Pesquisa-ação, universidade e sociedade**. XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas: Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad. **Anais**. 27 nov. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/114882?show=full>>. Acesso em: 10 ago. 2020

VIRAÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO. **WEBINÁRIO: Crianças e adolescentes na internet: oportunidades, desafios e aprendizados - YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/I9sL08ET11M>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

VIZER, E. A. **Comunicación y Socioanálisis: Estrategias de investigación e intervención social**. España: Editorial Académica Española, 2012.